

## SOBRE ARTE, EDUCAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO: UM DIÁLOGO COM TÂNIA MARA GALLI FONSECA

Flávia Cristina Silveira Lemos<sup>1</sup>  
flavialemos@ufpa.br

Tania Mara Galli Fonseca é Psicóloga, Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; atua ainda como docente-pesquisadora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e Informática Educativa/UFRGS<sup>2</sup>. Nosso diálogo se deu em 18 de agosto de 2013.

**Flávia Cristina Silveira Lemos** – Fale-nos a respeito de seus percursos e encontros com a experimentação, com a arte, educação e produção da diferença.

**Tânia Mara Galli Fonseca** - Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a oportunidade de contribuir com esse tema para a Revista Artíficos. A escolha de meu nome parece-me resultar de minha trajetória de pesquisa junto ao Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, de Porto Alegre/RS (HPSP), trajetória que não guarda afinidade estreita com a questão da Educação *stricto sensu*, uma vez que o campo empírico de nossas pesquisas refere-se ao campo da saúde mental, estritamente falando ao campo das psicoses e de sua problematização à luz de referenciais contemporâneos. Também, é verdade, que em minha trajetória docente, tenho estado implicada, mesmo que indiretamente, às questões da Educação, como é o caso de minha pertença e filiação ao Programa de Pós-Graduação em Informática Educativa/UFRGS, local onde desenvolvo, com meus orientandos, problematizações relacionadas às questões da arte e da educação. Os encontros que foram propiciados no decorrer de minha carreira levaram-me a assumir a arte como uma das palavras-chave do escopo de minhas reflexões, consolidando o título Corpo, Arte e Clínica como o sustentador das diversas experimentações do pensamento que tenho levado a cabo, juntamente com meus estudantes e orientandos. Parcerias conjuntas com o Instituto de Artes, com a Faculdade de Arquitetura, além de minhas inserções no campo empírico do HPSP também abriram caminho para que pudesse fazer vicejar a questão da Arte como uma transversal importante aos estudos realizados e em andamento.

Gostaria, nesse início de conversa, de clarear minha concepção a respeito desses termos Educação e Arte, uma vez que os considero sempre desde a perspectiva da Filosofia da Diferença. Educação corresponderia aos processos de subjetivação, podendo e devendo ser acoplada aos mesmos. Entendo que a constituição de sujeitos – seja por qual que for a instituição (família, escola, empresa, hospital, grupo de amigos, mídia, etc.), corresponde a processos de subjetivação. Trata-se, pois, de encararmos a educação como um dispositivo biopolítico de formação de sujeitos e de suas vontades, segundo as regras morais vigentes, sendo, entretanto, verdadeiro o aspecto das resistências desses mesmos sujeitos aos padrões modelizantes que lhes são oferecidos ou mesmo impostos. Poder biopolítico do Estado e biopotência dos corpos encontram-se nesse mesmo plano, como em um emaranhado de forças em correlação, colocando à prova as intensidades dos poderes e dos saberes, estes sempre em tensão e permanente conflito. Trata-se, ainda, de considerar o campo social como que regido por uma orquestra sem maestro, cuja música entoada e conduz à conformidade com modelos estabelecidos e desejáveis. Educação, nesse sentido estrutural e estruturante, refere-se à máquina abstrata e sem rosto que impõe modelos de conduta, modos de pensar, de agir e pensar. Educação num sentido extra-escolar, portanto, tomada como socialização, retirada da própria experiência do entrelaçamento do *socius* com os indivíduos que dele fazem parte. Educação como um dispositivo subjetivante que se coloca aos indivíduos seguindo a moral de seu tempo, educação, portanto, para a reconhecimento, para a reprodução social, educação contra a diferença e contra a diferenciação. Referimo-nos, nesse sentido, à educação como este plano de embates entre devires e deveres, entre imposições de normas e desvio das mesmas, lugar, pois, onde pode se insurgir o sujeito ético como aquele que faz escolhas em relação aos encontros que diminuem ou aumentam sua potência de vida. Educação se refere, assim, ao campo de disputas discursivas por parte seja das instituições sociais como dos próprios sujeitos. Campo de práticas sociais, campo de embates e de tensionamentos entre desejo e valores sociomorais instituídos, campo paradoxal em que o próprio sujeito assume a função de artesão de si, deixando-se levar ou não pelos apelos coercitivos de rebanho. Educação refere-se, pois, ao plano em que se defrontam o indivíduo e a sociedade, lugar que inscreve cada sujeito em uma posição a qual ele poderá resistir e recriar ou simplesmente sucumbir e obedecer. Educação tratar-se-ia, pois, do próprio plano de onde poderia produzir-se a estilística da existência, os modos de usar a vida, arbitrados, desta vez, pelas escolhas de um sujeito insistente que reconhece suas potências como inacabadas e incompletas e até contrárias em frente dos modelos oferecidos. Educação como o plano

de subjetivação em que se apresentam tanto as possibilidades de tornar-se humano, como local da diferenciação, como as possibilidades identitárias e miméticas de tornar-se um número na serialização subjetiva. Educação, portanto, como campo de imanência tanto dos processos da identidade, quanto os da invenção de si. Sujeitos educados para a identidade, sujeitos bifurcados em suas possibilidades de ser: trata-se, pois, de um campo tanto de captura quanto de escapes e de desvios cabíveis no jogo de forças que se estabelece entre o estado de coisas e o seus possíveis devires. A produção da diferença, por sua vez, coloca-se como um de seus efeitos, sendo atribuída não somente às escolhas subjetivas, mas localizadas em seu acoplamento entre os sujeitos e seu meio associado. Não atribuímos à vontade individual o peso das escolhas acertadas. Sabemos que o que chamamos de sujeito é, sobretudo, um efeito dos discursos que sobre ele pesam. Sabemos, também, que tais discursos não se compõem de estratos solidificados em pedra e que podem, portanto, ser revertidos, recombinados, torcidos e reinventados. Na fragilidade e nas profanações da linguagem, tornada sacramento, localiza-se a possibilidade da diferença. Tal fragilidade ou titubeio pode ser apreendida pelos sujeitos, retomada como o lugar de sua própria potência criativa, como o lugar de seu desejo. Antes de ser um animal-anão, o homem, como sujeito social pode arbitrar os caminhos de seu destino, os modos de sua existência, e formará, então, estilos de ser e de estar no mundo, diferenciados, não mais serializados e anódinos, ser e estar no mundo como parte de sua tarefa de realizar as diferenças que lhe são imanentes. Homens bifurcados na dessemelhança, mas unidos no combate à uniformização e conformação vital. O termo Arte, de nosso ponto de vista, seria esse gesto autoral de cada sujeito em direção ao seu desejo e ao seu destino, considerando-se como destino não algo fatalístico, já prescrito e determinado, mas o nó problemático que se constitui o cerne de cada ser cuja existência no mundo se justificaria somente para dar a ver e dizer aquela diferença ali embrulhada, ali contida, ali retida. Experimentar a vida tratar-se-ia, pois, desses atos de autoria de si, de uma dramática dos usos de si, de uma busca infundável pelas respostas ao problema que cada ser retém em sua gênese. Uma vida, um aprendizado de si. Uma estética da existência, tal como aprendemos com Proust, por exemplo, em sua *La Recherche*. Viver torna-se, nesse ponto, um aprendizado que é feito pelas experimentações, pelos tempos perdidos que foram empreendidos na busca. Não se trataria de traçar uma linha prescritiva que normalize antecipadamente as existências dos sujeitos. Viver não é preciso, implica em perambulações, em vagueios e, por isso, não se poderia considerar que nesse processo de busca teria havido erros por parte do sujeito. O que importa é que as práticas cometidas

sejam retornadas à consciência, em outro estatuto que não o simplesmente o do agido. Agora, importa-nos o sujeito que aprende a pensar, mesmo que *a posteriori* sobre a experiência vivida, que a amplie com as potências de um poderia ter sido, de um ainda não, que se saiba, por vezes, insuficiente e não se culpe por não ter podido aquele “grande demais” que lhe aconteceu. Educar o homem para o aprendizado de uma vida significa, sobretudo, reconciliá-lo consigo e com o seu mundo, torná-lo um instituidor-instituente do que pode seu corpo em relação aos mundos que se lhe confrontam. Educar, em síntese, refere-se, a fazer-se durar naquilo que é essencial e singular a cada indivíduo; significa tomar para si, em suas próprias mãos, a coragem da verdade diante do não-homem. Dizer não-homem, não significa, entretanto, negatar as essencialidades instintuais e pulsionais que pertencem aos humanos. Isso nos levaria a nos alinhar a posições religiosas e outras que repulsam a natureza animal do homem em favor de um mundo considerado mais elevado, o do espírito e o da razão. Aqui, em nosso posicionamento, natureza e sociedade tecem tramas que não podem mais ser analisadas como apenas interagentes. Aqui, a sociedade muda a própria natureza e vice-versa, não havendo supremacia de uma sobre a outra. Temos, tão somente, uma natura desnaturada, nada mais podendo ser explicado apenas por um dos termos isoladamente. Corpo, sociedade e mente reunidos como em um tecido de muitos fios entremados que dão erigem à produção dos modos de ser e do tornar-se humano, segundo os lugares, segundo os tempos, segundo as potências transversalizadas.

**Flávia** - De que modo você agencia encontros para pensar a cidade como arquivo, memória, arte e educação com a constituição de subjetividades pela diferença?

**Tânia** - Esta pergunta me lança diretamente na questão do Arquivo e Testemunho de vidas infames, questões de minha atual pesquisa. Seria preciso explicar de onde partem minhas premissas, embora considere que a questão das vidas infames possa vir a ser aplicadas a outros contextos sociais, mesmo que menos perturbados pelo trauma e pelo “grande demais”. No trabalho de salvamento, catalogação, digitalização e armazenamento de mais de 100.000 obras acumuladas no Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, de Porto Alegre/RS, temos pensado-o como um patrimônio cultural de nosso Estado, em relação à história da loucura. É verdade que nesse contexto não se encontram diagnósticos e tampouco prescrições de conduta. Agimos sobre obras expressivas de pacientes loucos, internados desde a tenra juventude e que por mais de 50-60 anos vivem ou viveram ainda na clausura hospitalar, completamente excluídos e apartados de sua procedência familiar e afetiva. Vidas infames que se tornaram conhecidas para nós, porque o raio das

palavras das ciências médica e jurídica as abateu de um só golpe, tornando-as inaptas para o viver em sociedade. Milhares de sujeitos aportaram nessa cidade para os loucos, criada desde o século dezenove. Tornam-se conhecidos para nós, por terem tido a coragem da verdade de frequentarem a Oficina de Criatividade, fundada apenas em 1990, nos alvares da Reforma Psiquiátrica. Pintaram e bordaram, seus delírios e alucinações ficaram expressos em tintas e cores, linhas e panos e revelaram-se como sujeitos insurgentes aos cânones que os silenciavam. Suas pinturas, seus desenhos, bordados e trabalhos em argila são, por nós, considerados como testemunhos, uma vez que os mesmos se insurgem contra o arquivo oficial dos discursos que os considerava mudos, surdos e cegos para a linguagem expressiva. Nesse Acervo, reside uma memória viva de gestos feitos dia após dia, regulares e persistentes, na busca de expressão de suas almas conturbadas. Assim, desde essa nossa experiência de pesquisa, podemos, sem dúvidas, considerar a própria cidade como sendo esse plano de inscrição, em que vidas e mais vidas registram seus modos de escape e também de concordância aos instituídos regimes de verdade vigentes. Dizibilidades e visibilidades presentes no arquivo operam como limites ao que pode ou não se tornar expresso em dado momento histórico, mas, por outro lado, também dizem dos silêncios, fazendo com que os atos de fala e de gestos se contraponham aos limites então colocados, tornando-se, assim, forças transgressoras e criadoras de novas linhas de sentido para o impensado do arquivo. Aqui, caberia evocar a problemática que se dá entre instituído e instituinte, entre práticas e discursos, entre a langue e a parole, entre territórios e desterritorializações, enfim, entre linhas de captura e linhas de fuga. Forças em contraposição, em tensionamento, oriundas dos atos dos sujeitos em oposição aos ditos e vistos estabelecidos. Como cartógrafos, estamos à cata com lupa de tais movimentos de fuga, para que possamos escutar a voz de alguém, pegar-lhe a mão, realçar sua presença desintonizante em relação aos acordes seriais e capturantes. Não tenho a cidade como meu objeto de estudo, mas a reconheço como esse lugar dos anônimos, tornados massa, e também como lugar dos indivíduos singulares tornados transgressores e perigosos. A memória social acumulada no *socius* permite-nos entrever, em nossa atualidade, os resquícios agudos e graves de todos os preconceitos de gênero, de raça e de classe social. Nosso arquivo mnemônico ressoa em nossas consciências; tendemos a nos tornar juízes a partir de verdades ancestrais. Embora queiramos, ainda, não nos superamos em relação às marcas de nossa pequena alma burguesa. Lavar-nos de suas marcas, implica em um grande trabalho, árduo para qualquer um, inominável e colossal para todos. Todos os esforços põem-se diminutos em frente dessa enorme tarefa crítica e clínica social que temos

de empreender, que já estamos empreendendo, que não podemos desistir de empreender. Perguntar quem somos, quem fomos e no que estamos nos tornando nos dias de hoje, resultaria em uma injeção de forças e de intensidades nos diagramas dessa loucura social que vivemos em qualquer cidade. Não se trataria de virmos a produzir um novo *apartheid* entre os que desejam ou não a mudança, entre “mocinhos” e “bandidos”, restando a nós a posição confortável da boa consciência. Tratar-se-ia, antes, de darmos a ver outras enunciações que se contrapõem ao que é colocado pela mídia e pelas vozes dominantes das ciências. Contraposição aos saberes instituídos, degradação da aparente harmonia das opiniões geradas pelo bom senso e pelo senso comum. Se o arquivo é imaterial e opera como memória discursiva do dizível e do visível em dada época, devemos introduzir-lhe o mal de arquivo, para fazê-lo falar naquilo em que ele cala e impede de falar. Entrar no arquivo pelos seus vazios, local da diferença onde ainda são possíveis manobras de produção de sentidos outros, infundáveis sentidos que nos revelem a vida em sua fecunda riqueza de possibilidades e, por fim, nos revelem nossas insuficiências para apreendê-la, de uma só vez, naquilo que ela nos pede.

**Flávia** - A formação de professores potencializa a arte como dispositivo de invenção de existências singularizantes?

**Tânia** - Nesta questão não irei me estender. Apenas quero ressaltar os termos de sua própria formulação: ao colocar a arte como dispositivo de existências singularizantes, quer nos parecer que a própria pergunta já formula sua resposta. Sim, professores são existências singulares e singularizantes, ou seja, vir a ser agentes da diferença, podem vir a ser empreendedores biopolíticos, como nos diria Toni Negri. Singularizantes, aqui, se torna a chave da questão proposta, uma vez que atribui ao professor a função de abrir caminhos à singularização de qualquer um. Não apenas singularizada, ou seja, dotada dessa coragem de verdade em relação à expressão libertária do pensamento, a existência do professor como dispositivo singularizante se torna, aqui, operadora da crítica e da clínica. O professor tomado como máquina de guerra contra os aparelhos de subjetivação de rebanho; professor, que mesmo não sendo artista, pode, pelo pensamento, fazer bifurcar existências outras para os seus devires; professor para além dos conteúdos programáticos, para além da inculcação das informações; professor como um contágio viral, por minúsculo que seja, mas que ainda assim revoluciona uma composição subjetiva, abre-lhe caminhos impensados, dá-lhe futuros possíveis. Professor agenciador da vida como obra de arte, fundada nos fluxos de uma ética e de uma estética propulsora e expansiva da vida.

**Flávia** - Que interrogações você faz às práticas educativas no plano da arte dos encontros que forjam processos de diferenciações?

**Tânia** - Esta questão ficará prejudicada, pois não me dedico ao estudo das práticas educativas *strictu sensu*. Seria cair no ordinário conhecido por todos, ressaltar os cacóetos que todos conhecemos e experienciamos na prática escolar. Nesse sentido, me abstenho de me estender na resposta solicitada, mas lembraria o que Deleuze já nos ensinou: “Ninguém sabe como e por que alguém aprende”. Isto poderia nos atormentar, no sentido de correremos para atentar e reformular o que concerne à atual formação de professores, ou poderia, por outro lado, nos aliviar, uma vez que não sabemos o que faz alguém aprender, o que diminuiria o peso da relação professor-aluno, tão professada pelos cânones pedagógicos. Sabemos que a escola como instituição não está isenta dos jogos de poder e de regimes de verdade. A escola é criada pela sociedade, mas também, ao mesmo tempo, pode recriá-la. Entretanto, abriga em sua ordem institucional interna valores tradicionais que mais do que recriar mundos pela via da diferença, alinha-os à moral vigente. Subjetivante, a escola coloca-se como aparelho de Estado antes do que como máquina de guerra, fazendo valer em seu seio as hierarquias das gerações, dos saberes, das raças, das classes e dos gêneros. O próprio curriculum escolar oculta, como nos mostram estudos da área, preconceitos e lições que são afirmadas pela via da manutenção de valores hegemônicos estabelecidos e conservadores. Professores e alunos, como seus agentes, tendem a se tornar efeito de suas práticas, o que exigiria deles a constante análise dessas práticas em direção à sua crítica e aos seus possíveis desvios. Sediada na ordem de uma racionalidade científica, em geral a escola despreza as questões estéticas que agem no plano do sensível. Voltada para a preparação de recursos humanos “adaptáveis” às exigências de um mercado cada vez mais complexo e liberal, a escola coloca o pé no acelerador no sentido conteudista, age em direção a uma transcendência, despreza as potências imanentes dos corpos: discente e docente cumpre o estatuto de humanizadora do animal existente na natureza humana, age em termos de fraternidade, quando, na verdade, esquece o sentido da amizade pela diferença. A “irmandade” presumida que a escola busca consolidar, espelha-se na suposição de uma suposta igualdade entre os indivíduos, os quais vêem-se aplainados em suas peculiares características em nome da formação de um consenso grupal. A comunidade gerada pela escola, em geral vem carregada de um espírito catequético e religioso, forja regras de exclusão àquilo e àqueles que não se emparelham nas fileiras do “bom comportamento”. Não é de estranhar que filósofos, como Deleuze e Foucault tenham-na comparado à prisão, e que, Sigmund



Freud, em sua época, já teria feito questões a respeito da impossibilidade de educar. Com isso, não gostaria de lançar bases para um pessimismo ou para um niilismo. Acredito que as lutas dão-se em qualquer instituição social as quais carregam, por sua função, forças modelizantes e aplainadoras, erguem discursos sobre a igualdade desde que essa signifique identidade com os valores que professam. Se o mundo se torna uma grande máquina instituída, há que se pensar que é nele mesmo que devam acontecer conflitualidades e abrirem-se novas passagens.

**Flávia** - Para encerrar, com quais intercessores você conversa e de que maneira eles te tocam no campo dos afetos, da arte e da educação?

**Tânia** - A palavra intercessor, utilizada na pergunta formulada, é interessante, uma vez que ela expressa um sentido muito caro à nossa abordagem. Intercessor não quer dizer um mediador. Significa antes alguém ou algo, ou parte de alguém ou de algo que nos atravessa, que nos transversaliza nos encontros da vida. Age por contágio, age por afetos, penetra o nosso corpo até o seu âmago, lá, onde já não mais podemos dizer EU. Um intercessor é invasivo, adentra-nos como uma "influenza", mexe com nossas defesas, faz-nos responder com resistências, trava embates conosco como um inimigo dentro de nós. Reflete bem aquela frase que diz ser o amigo o pior dos inimigos. O intercessor chega à nossa casa e, intempestivamente, torna-se nosso hóspede, por vezes muito incômodo, pois não nos chega para nos fazer sossegar em certezas. O intercessor nos rouba a pretensão de termos garantias, assalta-nos em nossas ilusórias crenças; assaltante, também ele é assaltado por nós, uma vez que agimos como ladrões de suas potências que nos afetam para aumentarmos as nossas próprias, para perseverarmos em nossa duração. Nossa conversa, sempre paralela, vai se dando aos poucos, leva anos para ser entendida e amada, torna-se carne, uma vez que não age a não ser em ato, por sobressaltos, fazendo-nos viajar na poltrona de nossos estudos, com o livro aberto entre as mãos, quando se trata de algum autor que tenha nos deixado seus rastros em escrituras. Um intercessor amado nos adentra a tal ponto que já não o discernimos, depois de algum tempo, de nós mesmos. Efetua-se como mistura, trata-se de um Fora que nos transforma. Por consciência ou por alguns muitos outros motivos, busquei Gilles Deleuze como esse meu principal amigo. São anos de convívio sem tédio ou saturação. Deleuze sempre me parece novo e ainda desconhecido, o releio muitas vezes e a cada vez sempre ele se faz outro para mim. As matérias de sua filosofia da diferença são moventes e agem como solventes quando se encontram com as minhas próprias matérias e meus próprios saberes. Deleuze atua em mim como um paciencioso conta-gotas,



discreto e ativo, capaz de perfurar as jazidas de meus antigos estratos e trazê-los ao presente, fazendo-me agir a contrapelo da história, fustigando-me em busca das diferenciações, mesmo que mínimas. Devo dizer que conviver com ele não se trata de coisa simples, uma vez que sendo não-filósofa, devo suportar insuficiências de minha parte e ir volteando como posso a cada momento, para a apreensão de seus conceitos e proposições. Deleuze não é um só indivíduo: já se tornou um personagem conceitual para mim, uma aptidão, um modo de pensar. Com ele, tenho uma multidão, abrem-se mundos para além da psicologia e também outros domínios de saberes e imagens como as do cinema, das artes e da literatura. Sigo a esteira que ele estende em seus livros. A conversa se faz calorosa e por vezes muito difícil, levando-me a territórios novos, a outro abecedário, ao mundo dos paradoxos, para além do bem e do mal. Há vezes que a viagem com Deleuze me faz concentrar a atenção em outros nomes, como o de Foucault, o de Blanchot, e atualmente o da Agamben, autores que fazem sentido para minha existência, para o meu trabalho e para minha vida.

**Flávia** - Foi um prazer essa conversa. Agradeço sua disponibilidade para este diálogo e afirmo que, certamente, suas instigantes reflexões no campo da diferença são fundamentais para pensar a intersecção entre Arte e Educação, com foco nos processos de subjetivação e alcance do gesto autoral dos sujeitos em direção ao seu desejo e destino.

---

<sup>1</sup> Flávia Cristina Silveira Lemos, Psicóloga/UNESP, Mestre em Psicologia Social/UNESP e Doutora em História e Sociedade/UNESP. Professora DE, concursada na Faculdade de Psicologia/IFCH/UFPB; Professora nos Programas de Pós-graduação em Psicologia e Pós-graduação em Educação/ICED/UFPB.

<sup>2</sup> Tânia Maria Galli Fonseca, E-mail: tfonseca@via-rs.net